



## **Fazendo vídeo com os índios Pitaguary: uma análise através dos modos de representação documental utilizados.<sup>1</sup>**

Gabriel Aguiar de ANDRADE<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.

### **RESUMO:**

O presente artigo busca refletir sobre o processo de realização audiovisual em um contexto de forte interação com os índios Pitaguary. Como se dá a produção de vídeos documentários em conjunto? Por meio da explicitação das condições de produção, dos temas abordados e, principalmente, através da análise dos modos de representação documental em alguns vídeos, esse trabalho investiga esse processo de construção audiovisual. As categorias de análise estabelecidas também permitem a discussão em torno da utilização da linguagem videográfica, pelos índios Pitaguary, como instrumento de luta e afirmação de direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** documentário; índios; representação; pitaguary; vídeo.

As comunidades do povo Pitaguary estão localizadas na região metropolitana de Fortaleza, mais precisamente nos municípios de Pacatuba e Maracanaú. Há muitas décadas o contato e a interação dos indígenas com o restante da população desses municípios é intensa, seja através de laços de parentesco, relações de trabalho ou disputas territoriais. A presença de estudantes universitários e pesquisadores também é bastante comum, já tendo sido realizado alguns trabalhos de graduação e pós-graduação sobre diversas temáticas relacionadas ao povo Pitaguary<sup>3</sup>.

Os aparelhos de som, televisão e DVD estão presentes em quase todas as casas das comunidades, fazendo parte do cotidiano das mesmas e, muitas vezes, funcionando como única fonte de informação. Na sede do COIPYM, também chamada de Casa de Apoio do Povo Pitaguary, existem dois computadores e uma multifuncional em pleno funcionamento. Há cerca de dois anos a entidade conta com equipamento de vídeo (uma pequena câmera de vídeo) e fotografia (uma câmera digital).

Através dessa rápida contextualização podemos perceber um pouco do nível e da intensidade de contato do povo Pitaguary com as imagens e sons da grande mídia. Isso, no entanto, não significa que tenham domínio técnico dos aparelhos ou conhecimento

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Membro do Laboratório de Estudos e Experimentação em Audiovisual – LEEA, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Etnicidade – GEPE e do Laboratório de Antropologia da Imagem – LAI, da UFC. E-mail: [gabribas@gmail.com](mailto:gabribas@gmail.com)

<sup>3</sup> Na graduação temos o trabalho “Índios Pitaguary: um estudo sobre História, Cultura e Identidade”, defendida por Joceny de Deus Pinheiro no curso de Ciências Sociais da UFC. No programa de mestrado do mesmo curso temos: “Arte de Contar, Exercício de Rememorar: As narrativas dos Índios Pitaguary”, de Joceny de Deus Pinheiro e “Aldeia! Aldeia! A formação histórica do grupo indígena Pitaguary e o ritual do toré”, de Elói Magalhães dos Santos. Há também a dissertação defendida no programa de pós-graduação em educação da UFC “As crianças e suas relações com a Escola Diferenciada dos Pitaguary”, de Flávia Alves de Sousa.

sobre o processo de construção da linguagem audiovisual, isto é, geralmente encontram-se na condição de consumidores passivos dessas imagens e sons.

A forte organização do movimento indígena cearense, por meio de conselhos, associações e assembléias estaduais, vem transformando o contato de jovens e lideranças do povo Pitaguary com os meios audiovisuais. Essa mudança se dá, principalmente, com a observação do uso que outros povos indígenas do estado estão fazendo, por exemplo, das câmeras de vídeo e fotografia<sup>4</sup> e pelas atividades desenvolvidas no âmbito de projetos de fortalecimento de identidade étnica implantados nas comunidades.

Nosso primeiro trabalho com a linguagem audiovisual (utilizando uma câmera de vídeo e um microfone) junto aos Pitaguary foi realizado durante um curso de formação em direitos humanos e cidadania do Observatório dos Direitos Indígenas. A intenção foi registrar em vídeo os exemplos de violação de direitos humanos relatados pelos participantes do curso e, posteriormente, divulgá-los no site do Observatório dos Direitos Indígenas juntamente com um texto explicativo. Todos os participantes foram não só consultados sobre a autorização de veicular suas imagens e sons assim como também se concordavam com a metodologia de tal atividade. As gravações ocorreram pela tarde dos dias 18 e 19 de agosto de 2007 na Casa de Apoio do Povo Pitaguary, tendo exibição na íntegra das imagens gravadas e de outros documentários no período da noite.



Essa prática de exibição na íntegra das imagens realizadas atraiu não só os participantes da gravação como também outros membros da comunidade. Posteriormente, realizamos uma edição do material (dividindo o mesmo em seis pequenos vídeos de acordo com o dia e ordem de apresentação de cada grupo) para veiculação no site do Observatório dos Direitos Indígenas. Nesse processo de montagem e edição não houve qualquer participação indígena, no entanto, antes da veiculação no site, realizamos uma exibição do material editado em uma reunião extraordinária do COIPYM.

No início de 2008 fomos convidados a participar de um projeto que visava à capacitação de jovens indígenas para a realização de documentários. De acordo com o texto original do projeto, a idéia era realizar algumas oficinas que capacitassem os indígenas a operar o equipamento de câmera e som. Após essa etapa, os participantes iriam produzir, com a ajuda de um antropólogo, documentários sobre a realidade de suas comunidades. No texto original do projeto não havia explicação sobre o processo de edição e montagem dos vídeos, ou seja, se haveria ou não participação indígena em tal fase.

<sup>4</sup> Como exemplo podemos citar o vídeo realizado com o povo Tremembé “As caravelas passam”, do antropólogo Ivo Sousa. Recentemente, em virtude da passagem de um rodovia dentro da TI Tapeba, o DNER financiou a realização de oficinas de vídeo em que foram produzidos três documentários curta-metragens por índios de várias comunidades Tapeba.



Devido à saída do antropólogo que coordenava essa parte do projeto, ficamos totalmente livres para elaboração de outro cronograma que permitisse a realização de tal atividade de capacitação. A concepção dessa parte do projeto entendia a utilização do vídeo como instrumento de visibilidade e fortalecimento da cultura indígena, baseado nas idéias do projeto “Vídeo nas aldeias”:

A partir da apropriação e do uso dos meios audiovisuais, pretende-se propiciar o protagonismo e uma visibilidade maior (dos povos indígenas) na sociedade brasileira para um melhor conhecimento da sua realidade e de suas culturas. (CARELLI, CORREA, 2002).

As oficinas de capacitação mencionadas no texto original do projeto, no entanto, não seguiam uma concepção baseada no protagonismo indígena. Optamos por realizar uma radical mudança no cronograma, de forma a propiciar a capacitação dos jovens indígenas seguindo uma perspectiva, a nosso ver, protagonista e ao mesmo tempo aberta a todas as possibilidades que a pluralidade da linguagem videográfica oferece. Nas oficinas, portanto, buscamos a compreensão do vídeo como território indefinido, segundo Dubois:

O que eu me digo um pouco hoje em dia é que para pensarmos o vídeo, talvez devamos parar de vê-lo como uma imagem e de remetê-lo a classe das (outras) imagens. Talvez não devamos vê-lo, mas concebê-lo, recebê-lo ou percebê-lo. Ou seja, considerá-lo como um pensamento, um modo de pensar. Um estado, não um objeto. O vídeo como estado-imagem, como forma que pensa (e que pensa não tanto o mundo quanto as imagens do mundo e os dispositivos que as acompanham). (DUBOIS, 2004, p. 100).

Como evidenciamos mais acima, o contato dos indígenas com aparelhos de recepção e produção imagético-sonoros é enorme, sendo assim, realizar oficinas de capacitação audiovisual que permitissem os jovens indígenas se apoderar tecnicamente desses instrumentos é somente um primeiro passo. Segundo Corrêa, “se aprender a usar uma câmera pode ser fácil, aprender a fazer filmes é outra história” (CORRÊA, 2004, p. 2).

As transformações no universo da informação e dos suportes de comunicação exigem um novo modo de pensar a sociedade contemporânea, fazendo com que a compreensão das novas formas de produção imagética e o manejo das mesmas seja imprescindível para formação de indivíduos dotados de consciência social.

Nas oficinas, portanto, demos prioridade na exibição de vídeos e filmes que refletissem criticamente sobre a produção de imagens e sons na sociedade atual, evidenciando também problemas e dilemas nesse modo de fazer documental conjunto.

### **Análise de vídeos produzidos no Povo Pitaguary.**

Os vídeos que escolhemos para análise diferem radicalmente em muitos aspectos, desde questões temporais de realização até o público e suportes de comunicação destinados. Nosso objetivo é explicitar essas diferenças assim como



também tentar promover uma classificação desses vídeos em determinados modos de representação documental estabelecidos pelo pesquisador Bill Nichols. Ao longo do texto iremos utilizar alguns conjuntos de frames extraídos da edição final dos vídeos, com o intuito de melhor visualizar questões estéticas e escolhas argumentativas.

Estabelecemos alguns sub-tópicos que irão conduzir a empreitada analítica, a saber: condições de produção, temática abordada e modo de representação adotado. Nem todas as questões suscitadas pela adoção de tal metodologia poderão ser discutidas, porém entendemos que a mesma permite uma pluralidade reflexiva e um desnudamento do processo criativo dos vídeos extremamente necessário ao assunto.

Os dois vídeos documentários escolhidos foram: a versão conjunta dos vídeos realizados para o Observatório dos Direitos Indígenas e o documentário mídia-metragem realizado durante as oficinas de vídeo do projeto Protagonismo Indígena.

### **Condições de produção**

Quando falamos nas condições de produção de um documentário estamos nos referindo não só aos equipamentos técnicos utilizados, mas também a composição da equipe, o tempo disponível para realização e a preparação anterior ao momento da gravação<sup>5</sup>.

No vídeo realizado para o Observatório dos Direitos Indígenas dispúnhamos de somente uma câmera mini-dv dotada de microfone interno, um microfone omnidirecional (tipo “bola”) adicional e duas fitas mini-dv (autonomia para duas horas de gravação). A equipe foi composta por mim; na função de operador de câmera, diretor de fotografia e editor, e outras duas estagiárias do projeto que realizaram as estratégias de abordagem do vídeo. As gravações ocorreram no período da manhã e tarde dos dois dias de realização do curso de formação em direitos humanos. A estratégia de abordagem empregada, ou seja, as apresentações artísticas dos casos de violações de direitos humanos por parte dos indígenas, só foram explicitadas aos indígenas no momento da gravação. Não houve, portanto, oportunidade de ensaio das mesmas, somente um tempo de cerca de trinta minutos para divisão das equipes e definição da apresentação de cada uma. Na fase de pós-produção (edição e finalização) não houve participação indígena, sendo o vídeo finalizado pelos estagiários do Observatório dos Direitos Indígenas.

No caso do documentário realizado durante as oficinas de vídeo, além dos mesmos equipamentos mencionados acima, dispúnhamos também de uma câmera digital fotográfica com modo de gravação de vídeo (com autonomia de 40 minutos de gravação) e um pequeno tripé. Ao longo do ano de 2008 tivemos cinco finais de semana para execução do cronograma das oficinas, sendo a etapa de gravação realizada no penúltimo módulo.

Toda a equipe de realização do vídeo (pré-produção, produção e pós-produção) foi composta pelos participantes das oficinas, ou seja, os cerca de doze indígenas presentes (divididos em duas equipes de seis) foram responsáveis pelo estabelecimento dos locais e horários de gravação, pelo agendamento de entrevistas e pela operação técnica dos equipamentos na fase de gravação e pós-produção. Durante todas essas fases estávamos presentes na condição de facilitador das oficinas de vídeo. Na etapa de montagem e edição do documentário, além do último módulo reservado para execução de tal atividade, foram necessários mais dois dias de trabalho para finalização do vídeo.

---

<sup>5</sup> Denominada comumente no meio audiovisual de “fase de pré-produção”.



## Temas abordados

Os dois vídeos que estamos analisando foram produzidos no âmbito de projetos desenvolvidos em ONG's que trabalham com a promoção e valorização dos direitos humanos. As produções, portanto, lidaram com temas que proporcionam uma reflexão crítica sobre o assunto, embora na maioria das vezes transponham tal temática e avancem no sentido de discussões sobre resistência cultural e identidade étnica.

No primeiro vídeo, por exemplo, podemos evidenciar através de algumas apresentações que, além da preocupação em denunciar os direitos humanos que estão sendo violados, certas lideranças buscam relatar as conquistas e vitórias do movimento indígena nos últimos anos, já que isso gera um sentimento de pertença a comunidade e valorização da cultura.

Em uma das apresentações, após a leitura de um trecho do relatório provincial de 1863 por uma personagem, é estabelecida uma conversa entre três indígenas com falas construídas para contestar as afirmações do relatório:

Personagem 1:

Hoje o movimento indígena tem crescido, tem se afirmado. Os índios tem conquistado muita coisa, as retomadas de terras é uma prova disso, muitos índios, muitas aldeias foram reconhecidas, a gente tem seis povos reconhecidos, tem outros povos em processo de reconhecimento e isso é muito bom. Os índios têm feitos suas retomadas, tomado seus espaços de terra.

Personagem 2:

Boa tarde, qual foi o assunto aí?

Personagem 1:

Tô falando aqui desse processo todo de... retomada de terra, as organizações indígenas, tentando assim fazer um apanhando depois desse decreto e dos dias de hoje, o que a gente tem conseguido nessa luta todinha nossa aqui.

Personagem 2:

É, nesses dias de hoje nós tamô conseguindo muita coisa. As manifestações né, que anteriormente eram criticadas, hoje em dia nós tamô conseguindo através da manifestação, muita coisa tá sendo melhor pro índio. É diferente desse aí [se referindo ao relatório provincial de 1863] das antiga, que fala que nós não existia. Agora eles tão vendo aí que a gente existe.<sup>6</sup>

É interessante notar que a encenação acima foi realizada pelo último grupo a se apresentar, ou seja, após vários grupos denunciarem as injustiças sofridas pelos

---

<sup>6</sup> Vídeo realizado para o Observatório dos Direitos Indígenas, em 2007.



indígenas. Algumas lideranças sentiram, então, a necessidade de explicitar que apesar de tudo isso o movimento indígena já obteve várias conquistas e as condições de vida estão melhores do que no passado.

Não é possível, portanto, o entendimento dos temas abordados nas apresentações dos grupos fora da seqüência de apresentação dos mesmos e do contexto de realização do vídeo (dentro de um curso de formação em direitos humanos facilitado por um advogado).

No documentário realizado durante as oficinas de vídeo não houve interação com outras atividades de projetos. Os participantes da oficina tiveram liberdade para decidir os temas a serem abordados, no entanto propusemos um momento de discussão dos temas escolhidos antes da etapa de roteirização e gravação. Nesse momento, ressaltamos a importância de estabelecer estratégias de abordagem de um determinado tema e de pensar a relevância dos mesmos para suas comunidades.

Através desses momentos de discussão e de conversas dos jovens participantes da oficina com lideranças indígenas os temas da educação diferenciada, luta pelo reconhecimento da terra e saúde foram escolhidos. Isso, no entanto, não impediu a realização de perguntas improvisadas como, por exemplo, sobre o papel do cacique e do pajé nas aldeias.

Posteriormente, na fase de montagem e edição, os participantes da oficina tiveram de optar por colocar ou não opiniões distintas sobre o mesmo tema, conhecendo assim, na prática, as possibilidades de construção do discurso documental. Diante das dúvidas e incertezas sobre as falas, imagens e sons a colocar na edição final, os jovens indígenas entenderam, portanto, o poder e a responsabilidade presentes na produção audiovisual.

Em uma das entrevistas realizadas no documentário, por exemplo, o Pajé do povo Pitaguary dá a sua opinião em relação ao uso da tecnologia como instrumento de memória, preservação da cultura e de conquista de direitos.

Rafael: E como o índio reage com a tecnologia hoje dentro da comunidade?

Pajé Barbosa: A tecnologia chegou mas nós né, vou dizer assim os ancião, vou me enquadrar aqui como ancião, nós ainda não tamô ainda é... nessa, nessa folia toda de achar que o computador tem que tá dentro da barraca do Pajé, que esse computador tem que ser instrumento do cacique, nós ainda tamô ainda muito assim um pouco assim dormindo né. Mas na verdade, a tecnologia né, ela dá uma estabilidade porque: nós vamô arquivar nossos histórico, porque hoje há uma necessidade de pegar os nossos ancião e pegar o nosso povo e fazer um trabalho de base né, que é um trabalho de arquivo para que amanhã, depois, a própria justiça não venha querer tirar isso da gente de forma de lei, de forma de... com advogado preparado para tirar os valores dos índios Pitaguary. Então assim, a tecnologia tá com nós, mas quem tem mais domínio na tecnologia hoje são os professores [indígenas].<sup>7</sup>

Apesar da importância de tal fala e do processo reflexivo que a mesma engendraria dentro da edição final do vídeo, esta não foi selecionada pelos jovens

---

<sup>7</sup> Vídeo realizado durante as Oficinas de Vídeo do projeto Protagonismo Indígena, em 2008.

indígenas para compor a versão final do documentário, mostrando que ainda há um longo caminho de amadurecimento e reflexão a ser desenvolvido pelos mesmos dentro do processo de uso e construção da linguagem audiovisual.

### Modos de representação adotados

Os modos de representação foram estabelecidos pelo pesquisador Bill Nichols a partir do estudo sistematizado das características de determinados documentários. Através deles, os documentaristas podem melhor organizar a estrutura do vídeo como um todo, porém não é obrigatório seguir todas as peculiaridades de um determinado modo de representação.

Os dois vídeos que estamos analisando possuem características de vários modos de representação documental, no entanto um deles sempre sobressai e estabelece a base estrutural de organização do documentário. Durante todas as fases de produção de um documentário (pré-produção, produção e pós-produção) temos de fazer escolhas estéticas e argumentativas que irão nos conduzir a adotar características de um modo de representação em especial. No entanto, é somente na fase de montagem e edição do vídeo que processamos as escolhas de forma mais clara e sistematizada.

No documentário realizado para o Observatório dos Direitos Indígenas não houve participação dos índios na fase de montagem e edição. No início do vídeo uma cartela explica as condições de produção do mesmo, ou seja, indicando que a gravação ocorreu durante os dois dias do curso de formação em direitos humanos. Logo em seguida temos uma sequência de imagens que nos ambienta ao local de gravação (também indicado na cartela inicial) e mostra imagens do curso de formação, aparentando a adoção de um modo de representação observativo.



A ausência de um narrador onisciente e de uma lógica argumentativa que organize a montagem também contribui para o enquadramento desse vídeo no modo de representação observativo. As cartelas explicativas ao longo do vídeo (indicando o grupo e o dia de apresentação) estabelecem uma base temporal para estruturação do documentário, tornando-se o fio condutor do mesmo.

Em alguns momentos da gravação houve interação entre a câmera e as pessoas filmadas, no entanto optamos por excluí-los na edição final, evidenciando mais uma vez nossa adoção de características do modo de representação observativo. Ao contrário da câmera, mesmo na montagem final a captação de som denuncia uma interação entre as



peças filmadas e a equipe técnica, já que o microfone aparece muitas vezes em quadro sendo segurado pelas próprias personagens. Há, portanto, fatores que conduzem o vídeo no sentido de adotar elementos de representação de um modo participativo, embora a base estrutural do mesmo esteja fincada em um modo observativo.



No documentário realizado nas oficinas de vídeo o processo de estabelecimento de um modo de representação documental foi totalmente diverso, devido, principalmente, ao protagonismo indígena na etapa de montagem e edição. Os realizadores, além do primeiro contato com um programa de edição não-linear (Adobe Premiere), tiveram contato prático com muitas questões discutidas durante os módulos teóricos das oficinas de vídeo.

Os dois primeiros planos do documentário (plano e contraplano dos próprios jovens indígenas caminhando no trilho) já evidenciam a influência do caráter reflexivo adotado durante as oficinas de vídeo. Logo após, temos uma sequência em que uma voz off (mesclando um estilo de depoimento e entrevista) é colocada sobre planos de paisagens tremidas. A personagem entrevistada inicia sua fala ainda com os planos das paisagens, temos assim características de um modo de representação expositivo fortemente presentes no jornalismo televisivo, porém quem ocupa o lugar de entrevistador(a) é uma jovem indígena que mais adiante irá aparecer em quadro.



Nessas primeiras “entrevistas”, ao contrário de falas curtas dos entrevistados seguidas geralmente por planos de paisagens e uma voz off do repórter (características fundamentais de grande parte dos telejornais), temos uma longa conversa sobre educação diferenciada, direito à terra e saúde. As falas sempre giram em torno da

construção de uma identidade étnica indígena, reivindicando os direitos oriundos de tal condição e denunciando violações desses direitos.

Ao invés de um estúdio de gravação, vemos “cenários” improvisados nas casas dos entrevistados, os enquadramentos precisos são substituídos por uma câmera que às vezes oscila em acompanhar ou não o “repórter”, evidenciando o aprendizado com a nova linguagem.

A imprecisão na cópia de características do telejornalismo impediu que o documentário fosse baseado em um modo de representação expositivo tradicional. Sendo assim, no processo de montagem e edição, procuramos orientar os participantes da oficina a estabelecer diálogo com características de outros modos de representação documental.



Os mesmos jovens indígenas que aparecem nos dois primeiros planos do vídeo são vistos agora reunidos diante do equipamento de edição realizando o processo de montagem do documentário. O jovem indígena que opera a ilha de edição é o mesmo que há pouco estava na condição de “repórter” em uma cena anterior do vídeo, apontando assim características de um modo de representação reflexivo que, juntamente com elementos peculiares do modo expositivo, irá formar a base estrutural de organização do documentário.

### “Assembléia Nacional 2005” e “Assembléia Estadual Indígena 2008<sup>8</sup>”.

Grande parte das imagens e sons presentes no vídeo “Assembléia Nacional 2005” foram feitas por um antropólogo durante a XI Assembléia dos Povos Indígenas do Ceará, realizada no município de Aratuba em novembro de 2005. Nosso primeiro contato com as mesmas ocorreu somente no início de 2008, em virtude do encontro com o antropólogo na Assembléia Estadual de 2007. Em posse das quatro fitas (com cerca de quatro horas de material) tivemos total liberdade para construção do vídeo, realizando contatos com o antropólogo somente através de telefone ou e-mail, já que não dispúnhamos de recursos financeiros para encontros pessoais.

Ao longo do ano de 2008 realizamos projeções de trechos dessas imagens brutas na Casa de Apoio do Povo Pitaguary, convidando indígenas que estavam presentes na Assembléia de 2005 para assistir a projeção e gravando em vídeo (com uma pequena câmera digital fotográfica) alguns momentos de tais encontros. A partir dessa prática observamos que muitas produções acadêmicas audiovisuais (fotografias e vídeos), realizadas por nós pesquisadores, não são vistas pelas próprias pessoas gravadas nem retornam aos locais de origem quando finalizadas.

<sup>8</sup> O título do documentário ainda não foi definido, adotamos essa nomenclatura somente para finalidade didática.



Além disso, no caso do vídeo principalmente, na maioria dessas produções está presente um olhar exterior que organiza a estética e a lógica argumentativa das mesmas. A voz documental, já discutida no capítulo anterior, é construída durante o processo de montagem e edição articulando representações discursivas que, muitas vezes, contrariam os interesses indígenas. Como, então, refletir criticamente sobre este conjunto de processos?

Optamos por utilizar o próprio vídeo para início de tal reflexão, adotando de forma irônica e não-usual características de vários modos de representação documental ao longo do processo de construção do vídeo “Assembléia Nacional 2005”. Nas entrevistas, por exemplo, cortamos repentinamente a fala dos entrevistados sem nenhum respeito ao sentido da frase que está sendo pronunciada, buscando, assim, evidenciar o poder da montagem e edição. Tal postura é reforçada em algumas cenas quando vemos imagens do próprio processo de edição do vídeo na tela do mesmo, ou seja, nós que decidimos o que fala ou não cada personagem e estamos assumindo isso claramente.

Nossa exposição pessoal ao longo do vídeo também é realizada com o intuito de reforçar o lugar de poder que ocupamos, evidenciando, portanto, que utilizamos características do modo de representação participativo de uma forma incomum, já que não aparecemos em quadro na condição de entrevistadores ou interagindo com as personagens. A indicação dos locais de gravação e datas, no início do vídeo, tem a função de explicitar a distância temporal e geográfica inserida no processo realização do vídeo, ou seja, não estamos assistindo ao resumo de várias horas de imagens e sons feitas durante a assembléia, mas sim um documentário que demorou alguns anos para ser gestado e não busca apenas servir de memória do passado.

As notícias da época e a música de fundo do jornal nacional, no início do vídeo, tentam ilustrar ironicamente que a grande mídia geralmente não está presente nas manifestações e retomadas indígenas. Na última Assembléia Estadual Indígena, por exemplo, realizada em dezembro de 2008 no município de Poranga, nenhuma rede de televisão do estado visitou o local durante os sete dias de encontro.

O trabalho de edição sonora do vídeo não se preocupa em estar sincrônico com a imagem nem em torná-lo agradável esteticamente, mas sim evidenciar o caráter problemático de algumas estratégias de abordagem documental. Enquanto vemos imagens do folheto de divulgação e programação da Assembléia, ouvimos vozes de pessoas reclamando de interferências na gravação da cerimônia de abertura (que será mostrada a seguir), ou seja, essas pessoas estão mais preocupadas em registrar os fatos de uma determinada forma do que estabelecer relações atravessadas pelo real.

Estamos, enfim, interessados em adotar uma perspectiva que contribua para questionar os limites representativos da imagem videográfica, provocando rupturas em esquemas pré-estabelecidos de construção da linguagem audiovisual. Não significa, porém, que saibamos exatamente como realizar tal façanha, estamos apenas experimentando alternativas de linguagem que fogem radicalmente de modelos televisivos e documentários acadêmicos tradicionais. Nesse ensaio videográfico experimental empregamos, principalmente, características da modalidade de representação reflexiva, radicalizando certas estratégias de abordagem e edição com o intuito de causar estranhamento e posterior debate sobre as questões discutidas.

O vídeo “Assembléia Estadual Indígena 2008” apresenta um contexto de realização radicalmente diverso. Duas semanas antes desse encontro anual convidamos jovens participantes das oficinas de vídeo no povo Pitaguary e Tapeba para produzir um vídeo sobre a Assembléia. Tal produção estava ligada, portanto, a uma das atividades do projeto Protagonismo Indígena, do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da Arquidiocese de Fortaleza – CDPDH.



A partir de algumas conversas decidimos que os jovens indígenas se dividiriam em duas equipes de gravação (uma equipe contando com câmera e um microfone direcional e outra somente com câmera) e nós faríamos uma terceira câmera acompanhando esse processo de gravação. A fase de montagem e edição também seria realizada pelos próprios indígenas, constituindo mais uma das atividades do projeto Protagonismo Indígena.

Orientamos os jovens indígenas a estabelecer um pequeno roteiro de imagens e sons para captar, incentivando-os a ir além da realização de entrevistas e captura de depoimentos. Também discutimos o fato de que, pela primeira vez em uma Assembléia, a equipe de gravação do vídeo era composta exclusivamente pelos próprios indígenas, proporcionando uma relação diferente durante as filmagens. Propomos, inclusive, que este fosse um dos temas abordados nas entrevistas e conversas realizadas, já estabelecendo, assim, possíveis utilizações de estratégias reflexivas na montagem e edição do vídeo.

Durante todo o encontro, entre captura de entrevistas e registros observativos/participativos, os jovens indígenas realizaram cerca de dez horas de gravação, proporcionando ricas experiências de inversão de papéis. Alguns professores, pesquisadores e estudantes que estavam habituados a gravar e fotografar os indígenas durante assembleias estaduais viram-se agora na condição de entrevistados pelos próprios indígenas, ou seja, de sujeitos passaram a objetos de estudo do próprio objeto. Em algumas entrevistas, por estarem diante de jovens indígenas, lideranças tradicionais comentam a satisfação de ver os próprios índios a frente do processo de registro de suas imagens, ressaltando também a importância de valorização da cultura pelos mais jovens.

Apesar do esclarecimento, no primeiro dia da assembleia, de que o vídeo produzido pelos jovens indígenas faz parte de um projeto de direitos humanos e não tem relação alguma com emissoras de televisão, algumas falas mostram que ainda há confusão nessa questão quando utilizam o termo “jornalismo que vocês estão fazendo” ou “essa reportagem de televisão”. A influência da televisão, como já vimos anteriormente, se faz presente em quase todas as comunidades indígenas do estado.

Após a assembleia os jovens deram início ao processo de montagem e edição do vídeo, tendo bastante dificuldade em transformar as mais de dez horas de material gravado em um média-metragem. As mesmas dúvidas e incertezas já presentes durante a montagem do vídeo realizado nas oficinas vieram à tona em dimensões maiores, já que, além de mais horas de material bruto, trata-se da construção de um vídeo sobre o encontro mais importante do movimento indígena cearense.

A possibilidade de divergência de interesses e opiniões não é exclusividade de vídeos documentários produzidos por pesquisadores e estudantes sobre o movimento indígena, os jovens realizadores indígenas estão podendo experimentar agora esse rico processo, em uma radical diferença com o processo de edição e montagem do vídeo “Assembleia Nacional 2005”.

### Referências bibliográficas

BALTAR, Mariana. **Reflexões sobre o lugar do Documentário**. Artigo acessado em 23.03.09 às 19:35 h. Disponível no site: <http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitaograma/numero2/reflexoes.asp>



CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Direitos do Índio: Ensaaios e documentos.** - São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1997.

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário.** 3ª Ed. Rio de Janeiro, RJ: Azougue Editorial, 2006.

DUBOIS, Phillipe. **Cinema, vídeo, Godard.** Tradução: Mateus Araújo Silva. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2004.

EISENSTEIN, Serguei. **Reflexões de um cineasta.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** São Paulo, SP: Papyrus, 2007.

.....Bill. **La Representación de la realidad. Cuestiones y conceptos sobre El documental.** Traducción de Josetxo Cerdán y Eduardo Iriarte. 1ª edición. Barcelona, España: Paidós, 1997.